

Opus 10 — um canto plástico-poético.Wagner Moreira¹

BELÚZIO, Rafael Fava. *Opus 10: ensaio desentranhado*. Belo Horizonte: Tipografia do Zé, 2023.

Rafael Fava Belúzio vem a público com a sua mais recente produção poético-ensaística. Belúzio é um escritor — para usar uma formulação mais geral de quem cria e usa a língua em suas diversas expressões — que faz aparecer a força dos lugares em que os gêneros de escrita, se assim posso dizer, se afirmam como espaços de diálogos. Seu percurso é rico e sólido nesse meio de caminho que já percorreu, a saber, só como algum exemplo, *Opus 3* (2017), com edição de Ronald Polito, pela Espectro Editorial.

Este livro traz 17 haicais e foram feitos 17 exemplares que, por sua vez, foram entregues a 17 pessoas; *1929* (2020), é composto por 29 crônicas, como nos informa a Editora Impressões de Minas, sob a orientação do autor, mas que pode [e deve] ser lido como uma espécie singular de romance que traz a apropriação como uma das forças dessa escritura, além, claro, uma perspectiva na qual forma e conteúdo não se desvinculam nunca, antes, fazem aparecer a paisagem escritural. Ainda tem o *Uma lira de duas cordas* (2015), um belíssimo estudo sobre o livro *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo, no qual se destaca o ritmo poético, publicado pela Scriptum e, a sair este ano pela editora Alameda, o “*Sou poeta menor, perdoai*”: Manuel Bandeira pela crítica contemporânea, organizado por Rafael juntamente com a Andréa Sirihal Werkema, uma dupla de pensadores admirável.

Como se pode notar, Belúzio tem uma experiência afirmada em relação à escrita e, principalmente, se a gente observar a expressão poética, pois ela atravessa as suas publicações de maneira múltipla, assim veremos esse exercício que pode encantar os nossos pensamentos. *Opus 10: ensaio desentranhado* é o título do livro que chega para nos brindar com mais um pouco dessa sensibilidade refinada. Da vivência de se realizar a coletânea sobre o poeta Manuel

¹ Doutor e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – POSLING – CEFET-MG, e-mail: wagnermorecefetmg@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4143-832X>

Bandeira surge o ato criativo para compor os dez poemas, que se querem uma espécie de ensaios, segundo o subtítulo. Salta aos olhos a necessidade que o poeta, passo a chamar Belúzio assim, tem de usar os numerais nos títulos em correspondência com os textos publicados nos miolos dos livros. Nesse sentido, não é preciso dizer muito além do fato de que a gente está diante de um criador que se esmera por usar a força da precisão como uma das características basilares de seus textos. Também, se prestarmos a atenção em suas preocupações temáticas e formais, veremos que o caráter musical guia as suas ações poético-ensaísticas. Ainda nesse sentido, para aqueles que estão iniciando a caminhada nesse universo poético e para aqueles que são experientes nesse percurso, é preciso constatar a aproximação desse livro com o de Augusto de Campos, *O anticrítico* (1986). Campos reivindica a tradição de Flaubert, de Pound e de Buckminster para afirmar o exercício de sua prosa porosa ou, em outras palavras, de sua poesia que se quer um pensamento crítico. E é isso que encontramos também em *Opus 10*, essa terceira força que vem suplementar as anteriores e fazer com que tenhamos a sensação prazerosa da experiência poética que nos afeta as sensações e o pensamento.

As três epígrafes que abrem o livro e as outras cinco que acompanham diferentes poemas afirmam essa tradição da qual o nosso poeta se aproxima com engenho e encanto. No caso de Belúzio, poderíamos, no mínimo, incluir Montaigne e o próprio Bandeira nesse legado criador de escrituras que é escolhido pelo próprio poeta, para ficarmos com um Borges ou um Eliot. A modernidade e o modernismo, mas não apenas, estão entre as leituras prediletas de Rafael pelo que se pode observar a partir de seus livros. E com essa postura de leitor crítico nos favorece a viajar por um universo no qual o imaginário tem a oportunidade de se encontrar com vozes poderosas que nos alimentam o viver melhor.

Os poemas trazem uma série de temas que fazem aparecer um universo poético intrigante, o que abre várias possibilidades de leitura. Destacam-se a postura metalinguística, a mescla de gêneros, certo dualismo que se faz notar nas formas e no próprio assunto, o tempo, a imagem, a iluminação poética e a aprendizagem. Esse universo dialoga intimamente com aquele composto por Bandeira em sua obra. Todavia, estabelece uma distância crítica e plástica que afirmam a voz de Belúzio. Dentre os dez poemas, é possível destacar dois que podem mostrar a força dessa poesia que se apresenta em um livro de curto fôlego e de reverberação reflexiva e contemplativa intensa: “Da Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos estudantes” e “O bicho”.

Da Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos estudantes

Há em algumas dessas casas novas
a intenção de retomarem o estilo
das velhas

Mas falta
a essa arquitetura de arremedo
o principal em tudo, que é o caráter

Vê-se logo que este poema parece apresentar uma simetria formal, ou algo que se aproxima disso com o estabelecimento dos versos quase que espelhados em uma ordem inversa, lembrando Símias de Rodes e o seu poema Asas. Em Símias, falta-nos clareza para se estabelecer a leitura das imagens poéticas que, com certeza passam pela questão do afeto amoroso. Aqui, percebe-se uma vontade binomial entre as casas do passado e as casas do presente, além do já referido paralelismo entre os versos das duas estrofes. Também se deve chamar a atenção para a composição precisa dessas imagens que se antagonizam na paisagem poética e, como uma vacância, na paisagem urbana.

Esse pode ser um modo sutil de aproximação com certo procedimento barroco em apresentar a contradição como uma linha de força evidenciada pela cena citadina ao longo do tempo. Nesse sentido, as possíveis asas formadas pelas estrofes lembram o anjo da destruição mencionado por Walter Benjamin em seu ensaio sobre a história. E, afinal, não é disso que também trata esse poema? Duas formas arquiteturais sincrônicas que diacronicamente distendem uma tradição. Há nesse movimento algo que se perde e que nos escapa, algo que se observa e que se afirma para além de nossas capacidades de intervenção. Ainda, se se parar para observar a tal simetria, poderá se verificar que cada estrofe apresenta, exatamente, sessenta e três tipos gráficos — essa menção faz uma diferença positiva neste caso ao invés de se falar em caracteres; é uma expressão que nos coloca diante do universo tipográfico — se desconsiderar os espaços em branco. Na primeira estrofe, todos os tipos são letras; na segunda, além das letras, há uma vírgula, que vem acentuar a disposição crítica da forma poética. Ainda deve-se pensar na composição desse texto como uma apropriação do haicai como operador criativo que, no caso deste poeta, afirma a precisão a partir da parte mínima da palavra, o tipo gráfico, e alça voo até o imaginário de uma cidade barroca mineira e seu dilema ao atravessar os séculos.

O bicho

Vi hoje um bicho na imundice do pátio catando comida
entre os detritos. Quando achava alguma coisa, não
examinava nem cheirava: engolia com voracidade.
O bicho não era um cão, não era um gato, não era um

rato. O bicho, meu Deus, era um homem.

No poema “O bicho” se pode, de imediato, perceber aquela prosa porosa da qual fala Campos e que tanto agrada a Bandeira em sua poética. O problema do abandono e do rebaixamento social e político, a fome e o desamparo saltam aos olhos em uma primeira leitura. Não há dúvida do diálogo com um Bandeira que flerta com a comunicação jornalística de modo poético. Entretanto, Belúzio afirma a sua voz a cada letra, a cada sinal gráfico, e se pode perceber isso ao se observar as assonâncias e as aliterações que intensificam a musicalidade melancólica do poema por meio da recorrente utilização das letras “i”, “o”, “m” e “n”, por exemplo, fechando os sons e, por vezes, acentuando a pronúncia anasalada das palavras e expressões. Ainda a musicalidade pode ser ouvida no eco da expressão “não era um” que, pelo exercício da negação, apresenta a figura, o bicho, um homem. Também se deve observar uma espécie de gradação que se estabelece na enumeração dos animais apresentados: o cão e o gato mais próximos de um imaginário doméstico, logo após, na linha de baixo, o rato e o homem mais próximos do que é descartável, do que é sujo, do que é lixo. A denúncia é clara e poderosa. É muito triste esse acontecimento que faz parte de nosso cotidiano. E basta ter olhos para ver e para ler o poema e o mundo. Aqui, como no poema anterior, vai-se da mínima partícula da palavra, que enfatiza seus sons e suas visualidades, até o imaginário firmado pela realidade, novamente, para se compor uma peça plástico-poética.

O livro termina com uma página em branco e o sinal de dois pontos. O mesmo sinal que está presente na primeira capa e compõe o título, só que ao invés de ser na cor prata, agora, ele vem na cor azul, firmando uma espécie de espiral do final do livro com o seu início, uma inflexão, um ritornelo, um retorno que nos convida à reflexão iridescente, afetiva, plástica e poética, nos convida a uma condição de pensamento melhor sobre a poesia e a sua maneira de apresentar a realidade. Se na capa os dois pontos anunciam o processo de exteriorização plástico-poético, na página mais ao final do livro, ele abre a possibilidade de se perceber o processo editorial realizado com a tecnologia tipográfica, sob a supervisão do Flávio Vignoli, na Tipografia do Zé. E nesse momento passa a fazer sentido o caráter minucioso que faz dialogar a composição poética e a composição tipográfica, mostrando uma face do design que habita ambos os espaços artísticos. Para além dessa verificação, os dois pontos lançam a possibilidade da continuação da série opus no aberto, numa espécie de extracampo poético que passa a habitar o nosso imaginário que pede por mais ao poeta.

Em tempos de predominância editorial que se efetiva por meio da tecnologia digital, *Opus 10: ensaio desentranhado* é um livro que convida a todas as pessoas que gostam de poesia,

que gostam de arte gráfica, que gostam de uma peça singular de grande tensão plástico-poética a uma leitura saborosa e crítica sob a voz de Rafael Fava Belúzio.

Referências bibliográficas

- BELÚZIO, Rafael Fava. *Uma lira de duas cordas*: o ritmo como elemento construtivo da binomia de Lira dos vinte anos. Belo Horizonte: Scriptum, 2015.
- BELÚZIO, Rafael Fava. *1929*. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2020.
- BELÚZIO, Rafael Fava. *Opus 10*: ensaio desentranhado. Belo Horizonte: Tipografia do Zé, 2023.
- BELÚZIO, Rafael Fava. *Opus 3*. Juiz de Fora: Espectro Editorial, 2017.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. Trad. J. M. Gagnebin e M. L. Müller. In: LOWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CAMPOS, Augusto de. *O anticrítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Recebido em: **15/07/2024**

Aprovado em: **27/08/2024**